


■ Ensino do atletismo: possibilidades ontológicas a partir da abordagem crítico-superadora

 Ivson Conceição Silva*
Leidiane Alves de Farias**
Celi Nelza Zulke Taffarel***

Resumo: O artigo apresenta o resultado do trabalho desenvolvido sobre o ensino dos fundamentos ontológicos do atletismo nas aulas de Educação Física para estudantes do 7º ano dos anos iniciais do Fundamental II em uma escola da rede pública de ensino do Município de Governador Mangabeira-Bahia. Quais as possibilidades do trato pedagógico com os fundamentos ontológicos do atletismo, considerando a tríade conteúdo-forma-destinatário, para elevação da capacidade teórica dos estudantes do 7º ano do Ensino Fundamental II? Para realização do estudo, utilizou-se da observação sistemática e diário de campo. A partir de uma história hipotética, apresenta a tríade conteúdo-forma-destinatário como possibilidade de tratar pedagogicamente os fundamentos ontológicos do atletismo nas aulas de Educação Física para o salto qualitativo do pensamento empírico ao teórico dos estudantes.

Palavras-chave: Educação Física. Cultura Corporal. Atletismo. Ontologia.

* Ivson Conceição Silva é licenciado em Educação Física pela Faculdade Regional da Bahia, especialista em Metodologia do Ensino e da Pesquisa em Educação Física, Esporte e Lazer- UFBA, mestre e doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia-UFBA. Professor da rede municipal de Governador Mangabeira. Formador do Programa Escola da Terra-PRONACAMPO-UFBA. Tutor da especialização em Educação, Pobreza, Desigualdade Social-UFBA. Contato: silva.ivson@gmail.com

** Leidiane Alves de Farias é graduada em Comunicação Social, pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), especialista em Jornalismo e Mídias Regionais, pelo Centro Universitário de João Pessoa (UNJPÉ), mestre em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo, pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo (UFBA). Professora da Faculdade Maria Milza (FAMAM).. Contato: defariasprofessora@gmail.com

*** Celi Nelza Zulke Taffarel é graduada em Educação Física pela Universidade Federal de Pernambuco (1976), especialista em Ciências do Esporte pela Universidade Federal de Pernambuco (1980), mestre em Ciência do Movimento Humano pela Universidade Federal de Santa Maria (1982), doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (1993). Pós-doutorado na Universidade de Oldenburg, Alemanha, (1999). Professora titular da Universidade Federal da Bahia Pesquisadora de Produtividade do CNPq. Contato: celi.taffarel@gmail.com

Introdução

O presente texto tem como propósito apresentar o resultado de uma pesquisa empírica sobre uma possibilidade, dentre várias, à luz da abordagem crítico-superadora, de trabalhar pedagogicamente os fundamentos ontológicos do atletismo nas aulas de Educação Física desenvolvidas para estudantes do 7º ano do Ensino Fundamental II.

Nosso ponto de partida para o desenvolvimento do trabalho pedagógico, com vista à análise aqui elaborada, é de que o ser humano para se desenvolver precisa se apropriar do patrimônio cultural disposto pelas gerações anteriores (DUARTE, 2013), caso contrário, ficará restrito à sua protoforma biológica e dependente direto do que a natureza dispõe.

Consideramos que os conteúdos da cultura corporal: jogos, esportes, lutas, danças, ginásticas, artes circenses, dentre outros (COLETIVO DE AUTORES, 2009) precisam ser apropriados pelos estudantes para promover seu desenvolvimento humano através da relação dialética entre ensino-aprendizagem.

Isso consiste na necessidade vital de elevação da capacidade do pensamento do empírico para o teórico, por uma dinâmica que incide em neoformação psicológica (ASBAHR, 2016), acarretando novas formas de compreender o fenômeno/objeto como um produto histórico em sua multiplicidade de relações.

Nessa perspectiva, a formação dos estudantes tem como horizonte um projeto histórico (FREITAS, 1995), transformador da sociabilidade determinada pelo capital (MÉSZÁROS, 2005), uma formação orientada para emancipação humana, cujos pressupostos axiológicos superam o individualismo, a competitividade e o sobrepujar.

É tarefa da escola desenvolver essa capacidade de pensar conceitualmente, pois é a “instituição cuja particularidade é a transmissão da cultura humana elaborada com a mediação do professor, o qual tem o papel central na organização do ensino de maneira que possibilite aos estudantes se apropriarem dessa cultura” (ASBAHR, 2016, p. 173).

Fundamentado nessa compreensão superadora e das demandas objetivas de alteração da subjetividade humana individualista e pragmática para uma perspectiva de formação onilateral como objetivo da educação (MANACORDA, 2007), lançamos a seguinte problemática investigativa: quais as possibilidades do trato pedagógico com os fundamentos ontológicos do atletismo, considerando a tríade conteúdo-forma-destinatário, para elevação da capacidade teórica dos estudantes do 7º ano do Ensino Fundamental II?

O método de análise está fundamentado na concepção materialista e dialética da história, por reconhecermos que o conhecimento ocorre pelo movimento do real, possibilitando compreender os nexos e relações entre geral, particular e o singular regido pelas leis da dialética. Segundo Kopnin (1972, p. 169), “movimentando-se pelas leis do objeto o pensamento chega a resultados idênticos a ele mesmo”. A técnica de pesquisa para obtenção e sistematização dos dados empíricos foi observação sistemática (MARCONI; LAKATOS, 2003), com o propósito de observar como o fenômeno ocorria na realidade concreta a partir de objetivos estabelecidos previamente. O instrumento de coleta foi o diário de campo. O público foi os estudantes do 7º ano do Centro Educacional Angelita

Gesteira-CEAG, da cidade de Governador Mangabeira, Bahia.

O texto estrutura-se em três partes: 1) primeira discussão sobre a necessidade do saber sistematizado para formação da consciência humana na escola; 2) A relação entre conteúdo-forma-destinatário para o ensino dos fundamentos ontológicos do atletismo; 3) considerações finais.

1. Educação escolar: a necessidade do saber sistematizado para a formação humana

Assentamo-nos na afirmação de que a escola é o espaço social que se estabelece a relação de educação mediada pela relação dialética de ensino-aprendizagem. Todavia, não se trata de qualquer ensino, mas do processo de objetivação e apropriação dos conhecimentos historicamente produzidos e sistematizados pela humanidade, o científico.

Partimos da premissa de que o conhecimento humano é consequência do suprimento das carências humanas imediatas, mediatas e históricas que exigiu um afastamento das barreiras naturais para uma finalidade teleologicamente posta pelo trabalho.

Ademais, o debate ontológico de Marx (2009) nos ajuda a compreender que o sentido primário da vida social humana é a liberdade produtiva, assentada numa atividade conscientemente livre; atividade que lhe diferencia dos outros membros da natureza.

O animal é imediatamente um com sua atividade vital. Não se distingue dela. É *ela*. O homem faz da sua atividade vital mesma um objeto da sua vontade e da sua consciência. Ele tem atividade vital consciente. Esta não é uma determinidade com a qual ele coincide imediatamente. A atividade vital consciente distingue o homem imediatamente da atividade animal. Justamente, [e] só por isso, ele é um ser genérico. Ou ele somente é um ser consciente, isto é, a sua própria vida lhe é objeto, precisamente porque é um ser genérico. Eis porque a atividade é atividade livre (MARX, 2009, p. 110-111).

Todavia, à medida que o ser humano deixou de ser puramente natural para ter predominância social, tratar-se-á de reconhecer que há um processo dialético de apropriação de conhecimento pela consciência. (LUKÁCS, 2013)

O conhecimento que se apresenta nesse primeiro momento ainda é um reflexo das sensações, percepções e da empiria que resvala por uma representação desconexa dos elementos constitutivos da ação que, segundo Duarte; Anjos (2018),

São denominadas objetivações genéricas em si, porque são produções cotidianas do gênero humano e são apropriadas pelo indivíduo de maneira espontânea, visto que não exigem grandes reflexões por parte de quem delas se apropriam. Um exemplo é a apropriação da linguagem falada. Os adultos ensinam uma criança a falar no objetivo de efetivarem a comunicação, mas em princípio, a criança apropria-se de tal objetivação de maneira espontânea, pois não lhe são transmitidas, nesse momento, a complexidade das análises sintáticas e gramaticais (DUARTE; ANJOS, 2018. p. 119).

A superação desse tipo de objetivação só pode ocorrer pelo ensino mediado por professores, pois é o profissional que

dispõe dos elementos essenciais para transpor didaticamente o conhecimento científico. Segundo Asbahr (2016), é através dos conteúdos de ensino, que ocorrem sinteticamente, por via das ações mentais, a reprodução do processo histórico de uma determinada prática humana.

Nessa premissa que, de acordo com Saviani (2008, p.13), se sustenta o trabalho educativo enquanto “[...] ato de transmitir direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto da humanidade”.

Nesse ato está em jogo a elevação do padrão cultural dos estudantes pela apropriação das objetivações genéricas para si, visto que dependerá do grau de desenvolvimento dos signos disponibilizados pelo par mais avançado da relação. Segundo Duarte e Anjos (2018), “São objetivações que exigem um grau maior de complexidade psíquica por parte de quem delas se apropriam” (DUARTE; ANJOS, 2018, p. 118), dentre elas estão a Arte, a Filosofia e o conhecimento científico.

Saviani (2008) afirma que o compromisso primário da escola é com o saber científico, outros elementos que sejam tratados devem ser para enriquecê-los. Portanto, a função social da escola é garantir a socialização dos conhecimentos científicos, artísticos e filosóficos, possibilitando o salto qualitativo do pensamento cotidiano pelo não cotidiano; da fragmentação do saber à sua apropriação de conjunto.

Por isso que, para a Pedagogia Histórico-Crítica, para a Psicologia Histórico-Cultural e para a metodologia crítico, a defesa contundente da educação escolar está calcada no ensino de conceitos científicos, pois são os signos, atuando como mediadores, que promovem o desenvolvimento precedido pela aprendizagem (MARTINS, 2016) e contribuem para forjar uma subjetividade humana com complexas formas de pensar e as diferentes esferas das produções humanas.

2. Relação entre conteúdo-forma-destinatário para o ensino dos fundamentos ontológicos do atletismo

As aulas de Educação Física se constituem enquanto momentos intencionais de ensino e aprendizagem. Pois, trata dos conteúdos da cultura corporal (COLETIVO DE AUTORES, 2009) com a finalidade de propiciar, pedagogicamente, a apreensão crítica desse conhecimento, considerando-o como um fenômeno que se constitui e se desenvolve historicamente e passa a assumir diferentes sentidos e significados de acordo com o grau de desenvolvimento das necessidades humanas.

Segundo Escobar (2009),

A “cultura corporal” é uma parte da cultura do homem. É configurada por um acervo de conhecimento, socialmente construído e historicamente determinado, a partir de atividades que materializam as relações múltiplas entre experiências ideológicas, políticas, filosóficas e sociais e os sentidos lúdicos, estéticos, artísticos, agonistas, competitivos ou outros, relacionados à realidade, às necessidades e às motivações do homem. O singular dessas atividades – sejam criativas ou imitativas – é que seu produto não é material nem separável do ato de sua produção; por esse motivo lhe atribui um valor particular. A educação física, como disciplina escolar, estuda o conteúdo da cultura corporal com o objetivo fundamental de explicar criticamente a especificidade histórica

e cultural dessas práticas e participar de forma criativa, individual e coletiva, na construção de uma cultura popular progressista superadora da cultura de classes dominantes (ESCOBAR, 2009, 127-128).

Nessa direção, é fundamental que haja um trato com o conhecimento levando em consideração a dinâmica curricular. Isso implica distinguir os conhecimentos primários dos secundários. Para Coletivo de Autores (2009, p. 31), implica criação das condições objetivas e subjetivas para que ocorra no processo de ensino-aprendizagem acesso ao saber sistematizado da cultura universal orientado pela seleção, organização e sistematização lógica dos conhecimentos.

Identificar os elementos culturais que precisam ser apropriados pelos estudantes e as melhores formas de transmissão demandam de nós reconhecermos o que é clássico da Educação Física – “aquilo que se firmou como fundamental, como essencial” (SAVIANI, 2008, p. 14). Sendo esse um critério para seleção de conteúdos, consideramos o atletismo enquanto um conhecimento clássico que precisa ser dominado pelos estudantes da educação básica nas aulas de Educação Física.

Para iniciarmos o trabalho pedagógico com os fundamentos ontológicos do atletismo, partimos dos elementos cotidianos e valemo-nos de uma avaliação diagnóstica enquanto ponto de partida da prática social. No primeiro momento, apresentamos o atletismo como conteúdo do trimestre e perguntamos o que era essa prática, haja vista a necessidade de apreensão do grau de desenvolvimento do pensamento dos estudantes.

Nesse primeiro momento, as respostas sobre o que seria o atletismo se apresentaram sincronicamente: “é um esporte”, “é a corrida”, “a maratona”. Ainda sem conceituar, mas já compreendendo que havia um grau de apropriação sobre os elementos constitutivos do atletismo, questionamos: *como surgiu o atletismo?* A pergunta gerou um momento de silêncio em busca de respostas que não tinham.

Para adentrarmos aos fundamentos ontológicos do atletismo, questionamos se os movimentos humanos (andar, correr, saltar, arremessar) são naturais ou culturais, cuja predominância nas respostas foi a naturalização dos movimentos humanos. Diante do processo de naturalização dos processos sociais, fizemos um recuo histórico, nos valendo da ludicidade, sobre o desenvolvimento do ser humano, com objetivo de ampliar a compreensão e instigar a imaginação dos estudantes sobre a constituição dos elementos da cultura corporal enquanto uma produção histórico-social.

Assim, para estabelecer uma primeira aproximação entre o entrelaçamento do biológico com social no desenvolvimento humano (MARTINS, 2013), lançamos a seguinte pergunta: *a criança quando nasce ela já sai andando?* Todos responderam que “não”. *Por quê?* “Ela ainda não sabe andar”. *E para andar precisa de quê?* Diferentes respostas sintetizaram que alguém tinha que ensiná-la a andar. Nesse momento, os estudantes estabeleceram a relação com o filme “Mogli, o menino lobo”.

Para ampliarmos a reflexão sobre a constituição dos conhecimentos da cultura corporal, partimos da seguinte explicação: *vamos pensar no ser humano primitivo que acordou com fome, o que ele precisa fazer para saciá-la?* A resposta foi comum: “comer”. *E para comer o que ele precisa fazer?* A predominância das respostas foi “caçar”. *E para caçar ele precisa de*

quê? A resposta mais elaborada foi: “produzir ferramentas”. *E para produzir ferramentas? “Madeira/pau, pedra, cipó para fazer uma lança”. Madeira, pedra e cipó vêm de onde? “Da natureza”. O ser humano modifica a natureza para fazer a lança? “Sim”. Através de que ação?* Nesse momento ocorreu um pouco de dificuldade nas respostas, levando-nos a instrumentalizá-los, a partir da explicação de que o trabalho é a capacidade do ser humano modificar a natureza para suprir suas necessidades primárias.

Retomando o ponto de partida, quando tudo parecia acabado, voltamos ao ser que estava dormindo e acordou e perguntamos: *mas antes de encontrar os materiais o que ele fez?* As respostas predominantes foram: “procurou”. *Antes de procurar qual foi o primeiro movimento que ele realizou? “Andou”. E o que é o andar/caminhar?* A capacidade do ser humano se deslocar sobre uma superfície fixa. A partir desse momento introduzimos uma estória: *o ser humano primitivo estava caminhando à procura de matéria-prima para produzir sua lança quando se deparou com o animal que ia caçar...* Nesse momento, perguntamos ao grupo qual era o animal, dentre vários que foram apontados, elegemos o mamute. *Ao se deparar com o mamute numa distância de 100 metros, o que o ser humano fez?* A resposta predominante foi: “correu”. *O que é o correr?* Na construção das respostas sintetizaram que era a capacidade humana de se descolar o mais rápido sobre uma superfície fixa mantendo os pés fora do solo por alguns instantes.

Prosseguimos nossa série de questões, perguntamos: existe diferença entre caminhar e correr? Uma das respostas foi que no momento da corrida existe o salto, ou seja, a retirada dos pés do chão, enquanto que na caminhada os pés se mantêm no chão.

Prosseguindo com nossa estória: *o ser humano primitivo ao correr fugindo do mamute se deparou com um tronco de árvore caído, o que ele fez? “Saltou”. E o que é o saltar?* As respostas sintetizaram que é a capacidade do ser humano transpor um obstáculo ou sair do solo por tempo. Nesse momento, paramos e perguntamos: quais movimentos já tinham sido realizados: “andar/caminhar, correr/corrída, saltar/pular”.

Passada essa fase de fugir do mamute, *o ser humano conseguiu reunir as matérias-primas e precisou construir sua lança, como ele realizou isso?* As respostas eram relacionadas ao fazer, mas sem uma elaboração conceitual desse ato humano. O caráter sincrético do pensamento exigiu uma explicação para tratarmos que era através do trabalho. Questionamos: *o que é o trabalho?* Como já havíamos tratado, todos responderam que era a capacidade humana de modificar a natureza. Ampliando a reflexão, instrumentalizamos os estudantes, explicando que no processo de transformação da natureza o ser humano produz um acervo de conhecimento que denominamos de cultura (LUKÁCS, 2013). Assim, para fixar o conhecimento perguntamos o que era cultura: “um acervo de conhecimento”.

Avançamos na estória da caça, agora com o ser primitivo escondido esperando o momento que o mamute passasse. *Quando ele avistou o animal, o que ele fez? “Lançou a lança”. E como é chamado o ato de lançar a lança? “Lançamento”.*

Acabada a carne do mamute, a necessidade humana continua, porém agora só restaram as frutas no alto da fruteira, como retirá-las para comer? Responderam que: “arremessando uma pedra”.

A fim de estabelecer generalizações e sínteses, perguntamos: andar, correr, saltar lançar e arremessar são movimentos naturais ou culturais? Todos responderam “culturais” e justificaram o porquê, pois precisam ser aprendidos.

Em síntese, lançamos um conjunto de perguntas simples, mas não simplórias, uma vez que cada uma delas exprime um conglomerado de determinações contidas no fenômeno/objeto tratado, demandando uma capacidade de pensamento abstrato que não está constituída imediatamente.

Diante destes elementos, perguntamos em quais esportes os movimentos básicos do ser humano são apresentados, cujas respostas foram que “em todos os esportes eles estão presentes”. Porém, a fim de aproximar o pensamento ao atletismo, questionamos sobre um esporte que congregava em diferentes modalidades todos os elementos da cultura corporal. Poucos conseguiram estabelecer uma relação direta com o atletismo, contudo, estabeleceram nexos fragmentados com a modalidade em si: salto, salto com vara, salto em altura, corrida com obstáculos, maratona, arremesso de peso.

Nessa direção, a dinâmica de questionar as diferentes manifestações humanas para chegarmos ao atletismo como uma síntese das diferentes atividades humanas foi para exigir um processo de concreção; de formação do pensamento que confronta os conhecimentos que os estudantes já dispõem e os que precisam dominar, ou seja, uma dinâmica de superação por incorporação do pensamento sincrético pelo sintético.

Esse processo demandou que os estudantes reconhecessem que uma determinada atividade humana é sempre desdobramento das ações humanas, logo, um constructo histórico. Precisaram, pois, alcançar uma ascensão do concreto imediato, pela via da abstração, para alcançar o concreto pensado.

Assim, ao tratarmos sobre os fundamentos do atletismo, discorreremos de como, no processo de produção da vida, o ser humano, ao aperfeiçoar seus conhecimentos técnicos, não precisa mais de respostas imediatas para suas necessidades primárias (comer, vestir, morar etc.), porque desenvolveu a capacidade de produzir excedente, passou a dispor, assim, de um tempo disponível para fruição de outras atividades.

O tempo disponível passou a ser dedicado, dentre outras coisas, para a fruição lúdica da atividade advinda do trabalho, sendo o jogo oriundo desse processo. Desse modo, coadunamos com a afirmativa de Oliveira (2017, p. 24) ao conceber o jogo enquanto “processo e produto do conhecimento produzido e acumulado pelo homem tem suas formas e expressões determinadas pelas necessidades materiais produzidas em cada momento do desenvolvimento histórico da humanidade”.

Sendo o jogo desdobramento das determinações da atividade fundante da vida humana, o trabalho, com os avanços das relações sociais de produção, sofreu um processo de modificação para que pudesse ser praticado com característica homogênea e correspondente ao grau de desenvolvimento das forças produtivas. Demandou o estabelecimento de regras, tempo, espaço, instrumentos, habilidades motoras específicas e a centralidade da competição.

Essa sistematização converteu o jogo naquilo que conhecemos como esporte, que, segundo Moraes e Santos Júnior (2017), encerra uma contradição

[...] cuja resolução pode implicar a sua transformação em outra coisa que não o esporte. Trata-se da dialética entre o “agonístico-lúdico”, na contradição encerrada pelo polo da competição x polo do gozo estético que ocorrem simultaneamente durante a prática esportiva. De maneira mais ampla na esfera esportiva a contradição desdobra-se nas práticas específicas entre os elementos do treino (na busca da performance) e da prática livre (buscando a fruição). Na atividade temos sempre a presença destes elementos, entretanto, a depender da finalidade com a qual se reveste a prática, irá prevalecer um ou outro polo (MORAES; SANTOS JUNIOR, 2017, p. 340).

Nessa direção, a prática do esporte assume um duplo caráter, que na escola deve ser apresentado aos estudantes para que estes tenham a plena possibilidade de compreender a prática esportiva enquanto um patrimônio da humanidade.

Assim,

Se aceitamos o esporte como um fenômeno social, tema da cultura corporal, precisamos questionar suas normas, suas condições de adaptação à realidade social e cultural da comunidade que o pratica, cria e recria. Na escola, é preciso resgatar os valores que privilegiam o coletivo sobre o individual, defender o compromisso da solidariedade e respeito humano, a compreensão de que o jogo se faz “a dois” e de que é diferente jogar “com” o companheiro e jogar “contra” o adversário (COLETIVO DE AUTORES, 2009, p. 70).

Atribuir outro sentido e significado ao esporte significa superar sua aparência imediata, o rendimento, através de uma análise que permita compreender suas múltiplas determinações. Sendo assim, é preciso

[...] desmistificá-lo através da oferta, na escola, do conhecimento que permita aos alunos criticá-los dentro de um determinado contexto socioeconômico-político-cultural. Esse conhecimento deve promover também a compreensão de que a prática esportiva deve ter o significado de valores e normas que assegurem o direito ao esporte (COLETIVO DE AUTORES, 2009, p. 70).

Aqui reside a centralidade do ensino para que os estudantes internalizem uma compreensão generalizada dos fundamentos ontológicos do atletismo. Implica num processo de cinco momentos articulados propostos pela pedagogia histórico-crítica, que contribuem para sua efetivação concreta: 1) da prática social sincrética por parte dos estudantes e sintética precária por parte do professor; 2) problematização, enquanto compreensão dos problemas identificados na prática social; 3) instrumentalização enquanto apropriação dos conhecimentos teórico-práticos requeridos para superação dos problemas da realidade; 4) catarse enquanto o ápice da subjetivação do conhecimento objetivado, mediado pela abstração; 5) retorno à prática social como uma nova síntese científica (SAVIANI, 2008).

Tais momentos precisam considerar a heterogeneidade da turma que vai se expressar nos diferentes espaços pedagógicos da escola. Diante disso, é essencial que tenhamos como estratégia metodológica a relação da tríade conteúdo (o que ensinar), forma (como ensinar) e o destinatário (para quem ensinar) (MARTINS, 2016) com o propósito de cumprir a finalidade principal do ensino escolar, a formação do pensamento teórico (ASBAHR, 2016).

Compreender a natureza da atividade atletismo, esteira do desenvolvimento humano, é fundamental para o entendimento do processo de transformação da natureza e da sociedade, pois é uma síntese da relação entre o sujeito e as condições objetivas promotoras do desenvolvimento humano.

Colavolpe (2010) afirma que há uma perspectiva teórica hegemônica que traça a história do esporte de forma abstrata, de acordo com os interesses particulares de classes, ou seja, descolada das relações concretas das formas como os seres humanos produzem a sua existência e do grau de desenvolvimento das forças produtivas. Na contraposição afirma que

São vários os exemplos a começar pelos instrumentos de caça e pesca (arco e flecha, lança e machado) atividades desenvolvidas ao longo da história da existência humana e que rapidamente se transformaram em provas de atletismo desconsiderando, inclusive, que, enquanto conhecimento produzido pela sociedade se transforma em cultura e que foi transmitido e reproduzido por várias gerações com finalidades diferenciadas de acordo com o desenvolvimento de cada grupo social. Traçando um possível percurso histórico destes instrumentos teríamos: de instrumento de caça e pesca a instrumento de ataque e defesa. A recuperação dos processos históricos, que transformaram o jogo em Esporte, a partir de um processo pedagógico de ensino, identificar a gênese e recuperar a essência de cada uma das modalidades (COLAVOLPE, 2010, p. 67-68).

No trato com o atletismo, busca-se, pois, refletir como um fenômeno social oriundo do jogo que perde a dimensão prazerosa para se metamorfosear numa atividade que tem a sobrepujança e a individualidade como um pressuposto fundamental. Essa condição implica uma relação com o modo como os seres humanos produzem a existência.

É com a finalidade de trazer à baila essa reflexão crítica para os estudantes, através da história do ser humano primitivo, bem como, o atletismo em sua atual expressão, o rendimento, e possibilidade de atribuir outros sentidos, que nos valem da promoção da capacidade de simbolização dos instrumentos – significa que uma coisa pode ser colocada no lugar da outra –, ou seja, uma condição primária no desenvolvimento do pensamento abstrato-conceitual.

Na escola devem ser elaboradas respostas para compreender o motor da transformação do jogo prazeroso em guerra, do lúdico em agonístico, dos solidários em competitivo, da motivação e incentivo, da agressividade, da violência exacerbada no esporte que afugenta as pessoas dos espaços públicos das práticas esportivas coletivas. Só no aprofundamento histórico podem ser encontradas explicações da diversidade de formas que assumem as práticas dos diferentes grupos sociais, dos estilos que são praticados e das relações dessas práticas com suas formas de competição e treinamento (ESCOBAR, 1995, p. 95).

Partindo de um processo de desenvolvimento histórico de constituição das capacidades humanas para suprir suas necessidades, a representação ontológica do atletismo apresenta uma reflexão de que sua prática não é enquadrada num modelo hegemônico, mas é uma das suas expressões, que deve ter seus sentidos e significados alterados para que possamos resgatar os valores coletivos em detrimento dos individuais, do compromisso da solidariedade e do respeito humano.

Considerações finais

Ao tratarmos do desenvolvimento do trabalho pedagógico com a ontologia do atletismo, enquanto conteúdo da cultura corporal, nos fundamentamos na metodologia crítico-superadora da Educação Física articulada com a teoria psicológica histórico-cultural e com a teoria educacional histórico-crítica. Partimos dessa fundamentação por três motivos essenciais: 1) a defesa da escola enquanto espaço privilegiado de acesso ao saber sistematizado; 2) a defesa do professor enquanto par mais desenvolvido no processo de ensino-aprendizagem; 3) o projeto histórico de superação da sociedade dividida em classes.

Nessa direção, a reflexão sobre o atletismo demandou um trato pedagógico através de uma história hipotética para que seus fundamentos ontológicos fossem apreendidos e promovessem o salto qualitativo dos estudantes. Para isso, a tríade conteúdo-forma-destinatário foi a estratégia para que pudéssemos adequar os conhecimentos às capacidades cognitivas dos estudantes. O que não significa rebaixamento da formação, apenas a escolha das melhores formas para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem.

Ademais, a prática social sincrética dos estudantes nos permitiu inferir que eles se apropriam do atletismo primeiramente pelos fragmentos, das provas, ainda com um pensamento difuso, de sua representação mais desenvolvida do estágio, o rendimento. Diante de tal constatação, foi preciso um recuo histórico através da representação hipotética das ações humanas a fim de suprir suas carências imediatas para que os estudantes pudessem compreender cientificamente as regularidades advindas das relações de transformação da natureza pelo ser humano e sua sistematização nas provas de atletismo.

Nesse sentido, foi apresentada a constituição de um acervo de conhecimento, a cultura, e por dentro desta, a cultura corporal enquanto objeto de estudo da Educação Física que, na escola, tem como função social a formação de sujeitos históricos com consciência crítica para compreender e transformar a realidade concreta.

Todavia, ressaltamos que a formação da consciência crítica consiste em dominar os conhecimentos mais desenvolvidos pela humanidade, o saber científico, sendo o professor o responsável pela mediação do confronto deste com o saber cotidiano dos estudantes.

Portanto, a identificação das regularidades se apresenta enquanto possibilidade para o salto qualitativo na compreensão do atletismo enquanto um constructo histórico, que assume suas diferentes características de acordo com diferentes necessidades humanas, estéticas, lúdicas e agonistas (COLETIVO DE AUTORES, 2009).

Ao dominar essas características e praticar as diferentes atividades e possibilidades que compõem o atletismo, os estudantes reconhecem que é possível atribuir outros valores que superam o paradigma imposto pelo esporte de alto rendimento, bem como subsunção do capital ao trabalho, do individualismo e do vencer a qualquer custo, gerando uma capacidade de pensar para além do cotidiano alienado, gerando, assim, autonomia em sua prática individual e coletiva.

Sendo assim, podemos demonstrar que o esporte, no processo de desenvolvimento histórico, nem sempre foi como aparece hoje, mas é fruto de relações sociais de produção para atender diferentes interesses.

Posto isso, cabe reconhecer que essa forma de trabalho rompe com a hegemonia de alguns conteúdos da cultura corporal nas aulas de Educação Física, tais como: futsal, basquetebol, handebol e voleibol. O que não significa que estes devem ser retidos para que outros possam ser dispostos, mas que constituam a parte de uma totalidade do acervo de conhecimentos históricos a serem dominados pelos estudantes.

Consideramos, portanto, que os fundamentos ontológicos do atletismo podem e devem ser ensinados fora da rigidez tradicionalista a partir de uma metodologia crítico-superadora que considere a relação entre conteúdo de ensino, as melhores formas e os estudantes como sujeitos históricos da objetivação, a fim de aperfeiçoar suas capacidades criativas como condição *sine qua non* para plena realização de seu processo de humanização. ■

Referências

- ASBAHR, F da S. F. Idade escolar e atividade de estudo: educação, ensino e apropriação dos sistemas conceituais. In: **Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico: do nascimento à velhice**. Campinas: Autores Associados, 2016.p. 171-192.
- COLAVOLPE, C. R. **Sociedade, educação e esporte**: a teoria do Conhecimento e o esporte na formação de Professores de educação física. 2010. 212 p. Tese (Doutorado) Faculdade de Educação. Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. 2. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2009, 200 p.
- DUARTE, N. **A Individualidade para si**: contribuição a uma teoria histórico-crítica da formação do indivíduo. 3.ed. Campinas: Autores Associados, 2013.
- DUARTE, N.; ANJOS, R. E. dos. A teoria da individualidade para si como referência à análise da educação escolar de adolescentes. **Revista Nuance**: estudos sobre educação, v. 28, n.3 2018. p. 115-132.
- ESCOBAR, M. O. Cultura corporal na escola: Tarefas da Educação Física. **Revista Motrivivência**. Santa Catarina, n. 8. p. 91-101. Dez.1995.
- ESCOBAR, M. Coletivo de autores: a cultura corporal em questão: In: **Coletivo de Autores**. São Paulo: Cortez Editora, 2009. p. 121-132
- FREITAS, L. C. de. **Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática**. Campinas: Papyrus, 1995.
- KOPNIN, P. V. **Fundamentos lógicos da Ciência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.
- LUKÁCS, G. **Para Ontologia do ser Social II**. São Paulo: Boitempo, 2013. Vol. II.

- MANACORDA, A. **Marx e a pedagogia moderna**. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 2007.
- MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- MARTINS, L. M. **O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar**: contribuições à luz da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica. Campinas-SP: Autores Associados, 2013.
- MARTINS, L. M. Psicologia histórico-cultural e pedagogia histórico-crítica e desenvolvimento humano. *In*: **Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico: do nascimento à velhice**. Campinas: Autores associados, 2016. p. 13-34.
- MARX, K. **Miséria da filosofia resposta à filosofia da miséria de Proudhon**. São Paulo: Expressão popular, 2009.
- MÉSZÁROS, Í. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.
- MORAES, M. de O.; SANTOS JUNIOR, C. de L. A pedagogia histórico-crítica e o trato com o conhecimento esporte na escola: primeiras aproximações. *In*: **Anais do Seminário Demerval Saviani e a Educação Brasileira**: Construção coletiva da Pedagogia Histórico-Crítica, 2017, p. 334-416.
- OLIVEIRA, R. M. de. **A organização do trabalho educativo com o jogo na formação de professores de educação física**. 2017. 260 p. Tese (Doutorado) Faculdade de Educação. Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 11. ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2008.